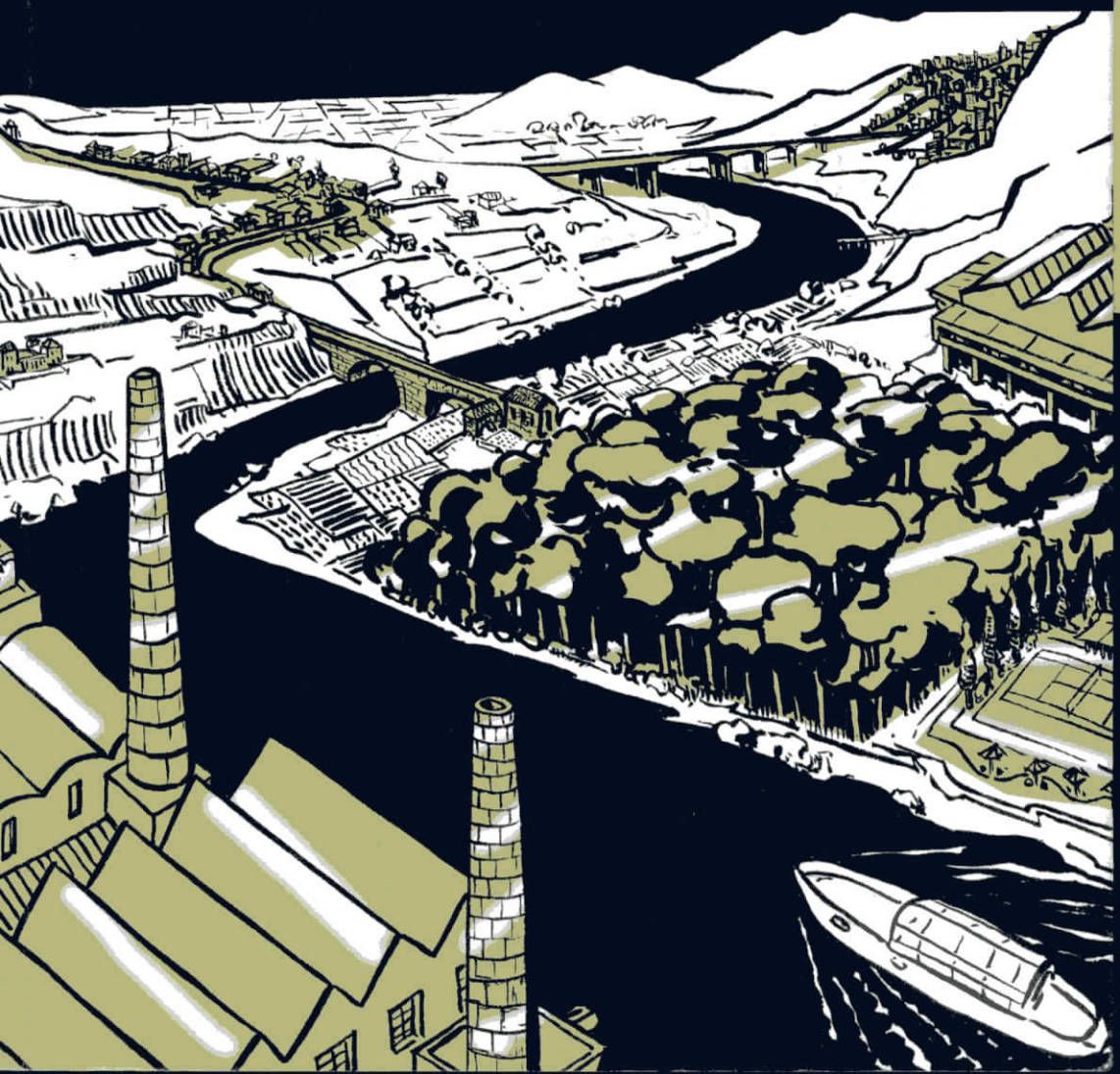


# Arquitetura em Lugares Comuns

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA  
DAFNE EDITORA



Edição: Dafne Editora  
1.ª edição – Porto, 2008  
Editores: André Tavares & Ivo Oliveira  
Design: DROP  
Impressão e acabamento: Gráfica Maiadouro  
Depósito legal: 273427/08  
ISBN: 978-989-95159-8-7

© Dafne Editora & Daaum  
Para os textos e imagens © dos respectivos autores  
Fotografias de Filipe Jorge © Argumentum

Projecto financiado pela  
Direcção Geral das Artes / Ministério da Cultura



Com o apoio do Grupo Pavigrés

[www.dafne.com.pt](http://www.dafne.com.pt)

# The Disappearing City

## The Industrial Revolution Runs Away

PEDRO BORGES DE ARAÚJO

DULCINEIA NEVES DOS SANTOS

PEDRO BANDEIRA

*The Disappearing City* é o título de um livro de Frank Lloyd Wright, escrito em 1932, no qual propõe a organização de um território disperso para uma sociedade descentralizada. A sua forma, denominada por *Broadacre City*, seria objecto de desenvolvimento e reflexão escrita nas décadas posteriores: *When Democracy Builds* de 1945; *The Living City* de 1958; e finalmente a edição de 1969, da Horizon Press, em que o título *The Disappearing City* é rasurado à mão por Wright para dar lugar ao subtítulo: *The Industrial Revolution Runs Away*.

A *Disappearing City* é a antítese da cidade tradicional, é também a antítese da dicotomia entre cidade e o campo. É, na crítica de Kenneth Frampton, a forma radical do urbanismo mais próxima dos preceitos do Manifesto Comunista (1872), que defendia a *abolição gradual da distinção entre cidade e campo através de uma distribuição mais equânime da população na terra*.<sup>1</sup> A *Disappearing City* é também o lugar do individualismo de raízes populares e simultaneamente a concretização de uma forma nova de civilização, dispersa, que se tornou possível pela propriedade maciça de automóveis – *o carro enquanto modalidade democrática de locomoção seria o deus ex machina do modelo anti-urbano de Wright*.<sup>2</sup>







A *Disappearing City* é o lugar onde todos os homens têm direito a um acre de terra cuja apropriação deverá incentivar uma livre iniciativa que garanta no seu conjunto um território plurifuncional, uma produção diversificada capaz de encurtar a distância entre a produção e o consumo, capaz de se adaptar a uma economia frágil, capaz de, em última análise, garantir a auto-suficiência. Pequena fábrica; pequena oficina; pequeno comércio; e pequena horta como modelo alternativo à dependência dos serviços e do emprego gerados na cidade convencional.

Mas talvez o mais interessante na *Disappearing City* é a sua otimista fatalidade: *não precisa de nenhuma ajuda para construir a Broadacre City: ela irá construir-se a si mesmo ao sabor do acaso (...) será algo que acontecerá espontaneamente.*<sup>3</sup>

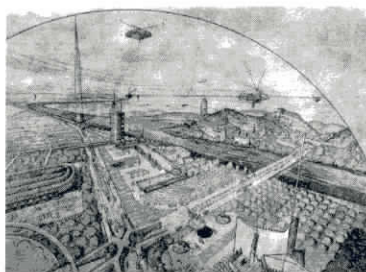
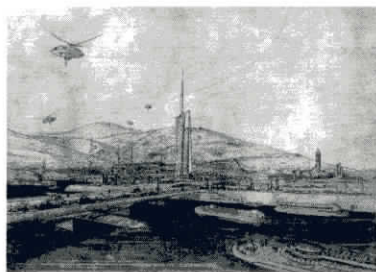
De certo modo o Vale do Ave é a *Broadacre City* materializada. O Vale do Ave é disperso, de crescimento espontâneo, é consequente da livre iniciativa, é plurifuncional, está assente numa cultura da propriedade privada, numa cultura do transporte privado. É um território que não é cidade nem é campo, é um território vivo em permanente transformação (que perde agora a sua indústria tradicional, como um dia perdeu os seus rios e agora os recupera), é orgânico, é a representação utópica assente na crença no indivíduo e na sua capacidade autónoma em construir sociedade. Então o que está mal no Vale do Ave? O que legitima este concurso? O que tentamos legitimar com esta proposta?

Se adoptarmos alguns dos princípios que fundamentam a utopia social de *Broadacre City*, como critérios de qualidade do território, percebemos que tudo está quase bem com o Vale do Ave. A sua caracterização está vulgarmente associada a sentidos pejorativos, mas na nossa proposta tudo o que é mau pode ser bom. Essencialmente o que propomos é uma mudança de paradigmas:

- a) A dispersão pode aumentar o custo das infra-estruturas mas possibilita uma acessibilidade à terra a custos mais homogêneos e menos especulativos. Por outro lado as distâncias físicas estão a dissipar-se, o paradigma da comunicação digital reabilitará o Vale do Ave.
- b) A ausência de transporte público legitima o transporte privado (mais autónomo, mais rápido, mais confortável). O que ainda é o problema das energias poluentes será num futuro breve ultrapassado e a economia de um transporte que só responde quando da necessidade individual será uma virtude. Por outro lado no território disperso não haverá nunca o perigo de congestionamento.
- c) A ausência de planeamento de um território de crescimento espontâneo é também a expressão de uma economia adaptável, flexível, que poderá legitimar com a mesma convicção um qualquer retorno. Nada é irreversível no Vale do Ave, o que potencia a criatividade, a oportunidade.
- c) A mistura, a plurifuncionalidade, a diferença, as transições (de escala, de uso, de tempos, de velocidade...) são também a expressão da diversidade. Nada é monótono no Vale do Ave. O contraste é consequente da diversidade da oferta, é também a expressão de um território que deseja a auto-suficiência.
- d) A ausência de uma identidade homogênea, estagnada, viabiliza o desenvolvimento de uma sociedade dinâmica, plural, paradoxalmente sedentária e nómada, urbana e rural. Neste lugar um indivíduo tem a possibilidade de ser vários, ser simultaneamente outros.
- e) A ausência de arquitectura realizada por arquitectos não deixa de estar associada a uma grande liberdade de expressão individual. O habitante do Vale do Ave constrói o que quer (e o que não quer), mas depois transforma, desenvolve, recicla. A ausência estética da paisagem do Vale do Ave deve ser reavaliada em função da sua adaptabilidade a uma economia de baixos recursos, e ser reavaliada em função da também sua criatividade.

Mas nesta nossa proposta da alteração de paradigmas deverá ainda caber outra referência à utopia de Frank Lloyd Wright: os arranha-céus de *Broadacre City*. Propomos para o Vale do Ave a construção de arranha-céus colocados dispersamente no território, de modo a enfatizar ainda mais a ideia de complexidade e diversidade tipológica. Tal como em *Broadacre City* não serão elemento de excepção (por que se repetem) mas de contraste pontual que promoven mais uma vez o sentido de transição. São a transição que falta, a que afirma a distância vertical, a tridimensionalidade no uso do território, a que rivaliza com os vales e as montanhas e que simula o olhar de quem está tão perto e tão longe.

- 1 Karl MARX, Friedrich ENGELS, *Manifesto do Partido Comunista*, Lisboa, Hugin, 1998. (1.ª ed. 1872).
- 2 Kenneth FRAMPTON, *História Crítica da Arquitectura Moderna*, São Paulo, Martins Fontes, 1997, p.227. (1.ª ed. 1980)
- 3 *Ibid*, p.230.



Frank Lloyd Wright, *Broadacre City*, 1932-1958.



## Sobre a Broadacre City

*A cidade do futuro estará em todo lado e em lugar nenhum, e será tão profundamente diferente da cidade histórica ou de qualquer cidade do nosso tempo, que provavelmente nem sejamos capazes de reconhecer o seu advento enquanto tal...*

*...a base de tudo é a geral descentralização como um princípio aplicado e reintegração arquitectónica de todas as unidades num tecido, livre uso do território expectante...*

*... cada habitante da Broadacre City tem o seu próprio carro.*

*... nós devemos falar delas (casas) como «casa para um carro», «casa para dois carros»...*

*...auto-estrada como agente positivo para descentralização [...] a distribuição tornou-se automática e directa: acontecendo principalmente nos lugares de origem/produção.*

*... todos os interesses comuns instalar-se-iam em simples coordenação em que todos eram serviços: pequenas unidades agrárias, pequenas casas para indústria, pequenas fábricas, pequenas escolas, pequenas universidades concebidas de acordo com os interesses daquele território, pequenos laboratórios...*

*Normalmente qualquer unidade (fábrica, quinta, oficina, loja ou residência), qualquer igreja ou teatro, ficaria no máximo a dez minutos das escolas e dos mercados de estrada, grandes e diversificados. Os mercados seriam providos de hora em hora com alimentos frescos e comportariam fábricas dispostas de modo a cooperar eficazmente entre si e destinadas a servir, sem intermediários, à população que trabalhasse na zona vizinha. Assim, não haveria nenhuma necessidade de correr de um lado para outro de um centro comum.*

*Locais de diversão distribuir-se-ão ao longo das estradas e os mercados espaçosos e flexíveis, como pavilhões, convertidos em locais de troca cooperativa.*

Frank Lloyd WRIGHT in *The Architectural Record*, vol. 77, n.º 4, April 1935.

## Nova Noção Tempo/Espaço

*Imagine-se, agora, espaçosas auto-estradas, bem enquadradas na paisagem. Vias gigantescas, elas próprias grande arquitectura, estações de serviço público de livre trânsito, não mais monstruosidades, expandidas para incluir todos os tipos de serviços e conforto. Elas unem e separam, separam e unem, séries intermináveis de unidades diversificadas que vão das unidades agrárias, unidades fabris, mercados à beira da estrada, jardins-escola, zonas de habitação (em cada um nos seus acres de terra ornamentada e cultivada individualmente), espaços de prazer e lazer. E imagine-se estas unidades tão organizadas que cada cidadão do futuro terá todas as formas de produção, distribuição e aperfeiçoamento próprio, diversão, dentro de um raio 200km da sua casa, agora rapidamente disponíveis por meio do seu carro ou o seu avião privativo. Este todo compõe a eminente cidade que eu vejo abraçar todo o país – The Broadacre City.*

Frank Lloyd WRIGHT, *The Disappearing City*, New York, W. F. Payson, 1932.

*...A medida de espaço standard é nova – o homem sentado no seu automóvel. A auto-estrada torna-se a linha horizontal para a liberdade prolongando-se de oceano a oceano unindo florestas, cursos de água, montanhas e planícies através do território para edifício...*

Frank Lloyd WRIGHT, *An Autobiography*. Pomegranate, Duell, Sloan and Pearce, 2005. (1.ª ed. 1943)

## Cidade e Democracia

*A escolha deste nome não vem do fato de que Broadacre está fundada na unidade mínima de um acre para cada indivíduo, mas, facto muito mais importante, de que, surgida no seio da democracia, Broadacre é a cidade natural da liberdade no espaço, do reflexo humano. [...] Em toda a parte onde existir a cidade democrática, a individualidade da consciência e a consciência da individualidade permanecerão invioladas.*

*... o solo precisa de ser colocado à disposição de todos, em condições honestas; ele deve poder ser legalmente considerado como um elemento com valor próprio, tão directamente acessível aos homens quanto a qualquer outro elemento. [...] abolida (está) a tirania dos privilegiados e do proprietário-fantasma de bens de raiz...*

Frank Lloyd WRIGHT in *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia*, São Paulo, Perspectiva, São Paulo, 1992. (1.ª ed. 1965)